

POR DENTRO DA HISTÓRIA

O teatro de bonecos: uma metodologia de inserção da história das populações negras na sala de aula

Waldeci Ferreira Chagas

*Professor de História da África da Universidade Estadual da Paraíba
Pesquisador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas
E-mail: luadeluanda@ig.com.br*



No exercício cotidiano da sala de aula, o (a) professor (a) recorre às várias estratégias para a concretização do processo ensino-aprendizagem. Neste exercício a construção do conhecimento deve ser uma constante, sobretudo, porque a perspectiva da educação é a formação do cidadão. Mas como formá-lo se na sala de aula os estudantes passam maior parte do tempo sentados ouvindo, e em seguida são convidados a repetir o que lhes perguntam? A linguagem do teatro de bonecos na sala de aula é uma oportunidade para quebrar essa condição e levar estudantes e professores (as) a construção do conhecimento histórico. Neste texto analisamos o teatro de bonecos como linguagem possível na sala de aula e um recurso ou metodologia que pode auxiliar no processo de reinvenção da história e cultura afrobrasileira. Trata-se, portanto, de uma linguagem popular que em algum momento compõe o cotidiano dos (as) professores (as), e faz parte do universo cultural das classes populares, público com quem se trabalha na escola pública.

Palavras-chave: teatro de bonecos, ensino de história, cultura popular.

{...} O Teatro de Bonecos se presta e sempre **teve** a **função** de satirizar a sociedade **além** de sua natural

característica de alimentar o imaginário social.
(CARVALHO, 1993, p.104)

Introdução

As discussões sistematizadas neste texto são resultados das nossas ações pedagógicas junto aos estudantes de Licenciatura em História da UEPB, no entanto, a experiência fora desenvolvida junto aos alunos (as) do ensino fundamental e médio de uma escola pública na cidade de Guarabira. Nesse ínterim, a sala de aula fora concebida como espaço de criação, invenção e reinvenção das práticas pedagógicas, revisão dos conteúdos e recriação das metodologias. Logo, a nossa perspectiva fora possibilitar aos estudantes o uso de outras linguagens nas aulas de História, de modo a que eles no cotidiano da sala de aula não se limitem ao livro didático como único recurso.

Todavia é importante ressaltar que não propusemos a substituição do livro enquanto recurso didático, apenas porque está na moda o uso das “novas linguagens” no ensino de história. Nem tão pouco fazemos alusão à idéia recorrente no meio educacional de que a boa aula de História é aquela onde o professor (a) utiliza os recursos tecnológicos avançados em substituição ao livro didático e a exposição oral dos conteúdos.

Não corroboramos com essa afirmativa, porque quando nos referimos a metodologia e recursos didáticos, estamos lidando com possibilidades que o (a) professor (a) se apropria para conduzir o processo ensino-aprendizagem, visto que, os (as) alunos (as) reagem de modos diferentes ao mesmo recurso e metodologia utilizados em sala de aula. Nesse caso, pensamos o recurso e a metodologia como somatório ao que os (as) professores (as) já utilizam nas suas aulas, e como instrumento que pode ou não colaborar com a realização da aprendizagem, mas, sobretudo, a formação do sujeito.

Acerca dessa questão é pertinente ressaltar que nem sempre o uso de recursos didáticos sofisticados é a garantia de uma boa aula, ou que o professor (a) que não os utilizam não consiga despertar a atenção do aluno (a) para o conteúdo que venha a ser estudado.

No processo ensino-aprendizagem o recurso didático não é o fim, mas o meio que auxilia o (a) professor (a) no trabalho pedagógico junto aos alunos (as). Nesse ínterim numa aula, o centro da atenção devem ser o (a) aluno (a) e a abordagem do conteúdo.

Não negamos que os recursos tecnológicos contribuem com o processo ensino-aprendizagem, no entanto, durante a aula a atenção não deve ser focada neles, mas na abordagem com que o professor (a) trabalha os conteúdos. No entanto, pode ocorrer de numa aula o (a) professor (a) mesmo utilizando tais recursos, ainda trabalhar o conteúdo como algo pronto e acabado, e não possibilitar ao (a) aluno (a) condições para pensar e construir o saber, mas apenas repetir o que fora exposto, uma vez que na compreensão desse professor (a) o conteúdo é a própria representação da verdade, ao invés de ser considerado como mais uma verdade em construção.

O caráter pedagógico do teatro de bonecos

Desde outrora os jesuítas descobriram o caráter pedagógico do teatro de boneco, pois foram os primeiros a utilizar, embora os fins tenham sido a catequização dos aborígenes e a imposição da cultura cristã ocidental.

Em contra partida a isso, durante muito tempo, principalmente nas décadas de 1960 até 1980 nas comunidades populares do estado de Pernambuco e da Paraíba essa linguagem foi um dos meios de comunicação mais eficiente, pois através desta arte os problemas sociais eram expostos para a sociedade.

Portanto, no Brasil essa arte não serviu apenas para animar, mas para formular a crítica a sociedade à medida que os problemas sociais e os acordos políticos eram denunciados nas tramas encenadas.

No processo educacional a relevância pedagógica do teatro de bonecos não se resume ao caráter político, mas ao desenvolvimento de outras habilidades, principalmente as que estão relacionados à comunicação e a expressão sensorio-motora, a exemplo da oralidade.

Quando o aluno (a) numa aula de História manipula o boneco cria uma fala que está relacionada ao personagem que incorpora e vivencia, ele também cria um diálogo para o boneco na relação com outros, e alia o movimento que faz com ele a palavra e o cenário no qual a trama é narrada.

Nesse sentido, o teatro de bonecos é lúdico por um lado e lírico por outro. Pode ser também dramático por isso, é envolvente. No momento que o (a) aluno (a) manipula um boneco,

tem direito a dizer grandes verdades ou mentiras sem magoar ou ofender ninguém. Os atos de um boneco são logo perdoados e ficam por conta de sua aparente irresponsabilidade. (CARVALHO, 1993, p. 104).

Numa aula de História o momento em que manipula o boneco, o (a) aluno (a) é estimulado a reinventar personagens, desenvolver e aprimorar o diálogo com outros. A criação da personagem e da trama pode ser livre e natural ou pode ser resultado de histórias construídas a partir do que fora discutido nas aulas, e nos textos produzidos.

O momento de manipulação do boneco ainda permite ao aluno (a) vivenciar a socialização, e despertar a atenção, pois ele deve perceber a fala do outro e esperar por sua vez de falar, respeitar a opinião dos colegas e exprimir uma fala compatível ao enredo, de modo que fala e gestos sejam coerentes com a trama narrada.

Todavia, nesse momento o (a) aluno (a) passa a compreender o texto e permanece atento à trama, uma vez que a personagem representada e manipulada por ele exige que em algum momento ele fale grosso, fino, imite sons de bichos, de elementos da natureza como, por exemplo, chuva e trovoadas. Nesse exercício experimenta momentos lúdicos, sensoriais e adequa a sua voz às diversas situações

aliando o ritmo vocal ao gestual. Além de expressar seus sentimentos de modo mais livre, manifesta desejos e aventuras ao recontar fatos da vida cotidiana.

Em função disso, ao ouvir os mais diversos sons, o (a) aluno (a) provavelmente ouve com mais interesse e percebe a musicalidade de uma canção além do ritmo; fatores fundamentais na educação da audição. Este tipo de teatro ainda pode revelar ao (a) professor (a), aspectos do desenvolvimento cognitivo do (a) aluno (a) que não são observados durante os trabalhos escolares tradicionais. Isso é importante, porque auxilia o (a) professor (a) a direcionar atividades educativas de acordo com a capacidade do (a) aluno (a) (LADEIRA, 1993).

Deste modo o teatro de bonecos significa para o (a) professor (a), uma técnica didático-pedagógico no processo de ensino-aprendizagem. No entanto, não é demais lembrar que é um jogo, lúdico e como tal faz parte da vida na qual o aluno (a) está inserido (a). Independentemente de qual seja o seu caráter,

este deve levar as crianças, particularmente, a oportunidade de se divertir ativando sua criatividade, raciocínio, poder de análise etc. É preciso **não** menosprezar, porém valorizar a capacidade da criança, não usando peças que apresentem soluções fechadas e simplistas em demasia, tramas estereotipadas, pieguismo e linguagem redundante (CARVALHO, 1993, p.104).

Tais características são pertinentes, uma vez que a perspectiva do ensino de história hoje aponta para a idéia de releitura dos fatos, esses ao invés de serem pensados como prontos e acabados, devem ser colocados como passíveis de análise e reinterpretação. Logo, a construção de uma peça sobre um fato possibilita aos (as) alunos (as) relerem-no, no entanto,

o texto para teatro de bonecos não pode ser literário, ou seja, baseado somente em texto, ele deve ser antes de tudo ação. Um gesto preciso de um boneco comunica mais do que uma frase dita por ele. Os diálogos devem ser simples e curtos. As ações devem conter o elemento surpresa, ser breves e de fácil entendimento (CARVALHO, 1993, p.105).

Não neguemos que a naturalidade, espontaneidade e a improvisação sejam relevantes, mas no caso de uma aula de História, o improviso não pode prevalecer, haja vista, haver um conteúdo a ser ensinado e aprendido. Nesse caso, o teatro de bonecos será usado como metodologia capaz de possibilitar isso. Logo, o (a) professor (a) quando for usar o teatro de bonecos nas aulas de História, tem que planejar e preparar em conjunto com os alunos (as) todas as etapas, uma vez que a peça a ser montada e encenada não pode ser apenas fruto do improviso, e nem é função do uso desse teatro na escola, apenas divertir, mas possibilitar a aprendizagem e a construção do saber histórico.

Por sua vez o (a) professor (a) de História não pode prescindir do seu papel, embora esteja lidando com uma expressão artística, o que torna a aula mais leve, agradável e atrativa, não pode se confundir, e achar que é um artista e animar por animar sem que os propósitos da aula sejam cumpridos.

O teatro de bonecos: uma possibilidade metodológica de inserção dos conteúdos de história e cultura afrobrasileira nas aulas de História

Como a nossa perspectiva era despertar a atenção dos (as) alunos (as) para a questão étnicorracial, pensamos num recurso de fácil acesso, ao mesmo tempo que estivesse relacionado à cultura popular. Nesse caso, o teatro de bonecos correspondeu a essa nossa expectativa, haja vista ser uma arte com forte caráter pedagógico e de certo modo inerente ao universo cultural dos nordestinos, pois os (as) professores (as), logo se identificaram e afirmaram conhecer essa arte, pois quando crianças, moças e rapazes deram boas gargalhadas com os espetáculos de teatro de bonecos, sempre exibidos nas feiras livres ou nos terreiros das casas nos bairros onde moravam.

Em função disso oferecemos aos (as) alunos (as) o teatro de bonecos como metodologia e recurso nas aulas de História. Como se tratava de uma iniciativa de inserção dos conteúdos de história e cultura afrobrasileira no currículo escolar, a orientação fora a de que os (as) alunos (as) utilizassem tal recurso, e assim participassem diretamente do processo de construção do conhecimento em sala de aula.

A opção pelo teatro de bonecos se fez em virtude de ele possibilitar trabalhar diversos aspectos que estão relacionados ao processo ensino-aprendizagem, a exemplo da oralidade, escrita, criatividade, trabalho em grupo, cooperação, solidariedade, senso crítico e superação da timidez, uma vez que a apresentação possibilita a interação direta entre os (as) alunos (as) e ninguém fica na condição de receptor, visto que quem assiste interagem com os bonecos.

Outro aspecto relevante no uso dessa arte é o fato dela possibilitar a interdisciplinaridade da História com as demais áreas do conhecimento. Nesse caso, os (as) professores (as) de História devem trabalhar em conjunto com os de Literatura, Artes, Línguas, Geografia, Ensino Religioso e outros.

A interdisciplinaridade entre essas áreas é imprescindível ao sucesso da aprendizagem e desenvolvimento dos (as) alunos (as), uma vez que exige a pesquisa histórica acerca do tema a ser encenado. A partir de então, a pesquisa se desdobra na produção do texto, criação das personagens, confecção dos bonecos, montagem do cenário e apresentação. No entanto, é importante ressaltar que devem ser utilizados,

textos com poder de síntese, nos quais a ação predomine sobre a parte falada. Podemos montar espetáculos com peças cujos diálogos sejam fixos ou com roteiros, neles se improvisa o texto do tema proposto. (CARVALHO, 1993, p.104)

Cada uma das etapas anteriormente citada é trabalhada nas respectivas disciplinas ou pode ser realizada unicamente pelo (a) professor (a) de História, desde que ele tenha conhecimento, por exemplo, das técnicas de confecção de bonecos, visto que o enredo do tema definido deve está diretamente relacionado ao conteúdo trabalhado nas aulas.

A partir do uso do teatro de bonecos a turma juntamente com o (a) professor (a) define o que abordar e como abordar; essa questão é relevante, porque qualquer que seja o tema escolhido, nada é novo, a inovação repousa na abordagem

do conteúdo. Essa etapa é relevante porque define as demais, uma vez que o texto, o cenário e as personagens devem estar todos articulados para que o conteúdo seja aprendido de modo criativo e dinâmico.

Definido o tema é imprescindível que alunos (as) e professores (as) adquiram conhecimentos sobre o mesmo, isso exigirá pesquisa, obviamente leituras. Nesse sentido o (a) professor (a) deixará a condição de transmissor (a) de informação e assumirá a de orientador (a) do processo ensino-aprendizagem. Os alunos (as) atuarão diretamente na descoberta e construção do conhecimento mediante a realização de cada etapa.

Mesmo que o (a) professor (a) de História trabalhe só, a interdisciplinaridade ocorrerá, sobretudo, porque as aulas de História deixarão o caráter expositivo e o livro didático não será o único recurso utilizado em sala de aula. A cada aula o (a) aluno (a) trabalhará a construção do texto, leitura, interpretação, confecção dos bonecos, e montagem do cenário. Cada uma dessas etapas, o levará ao diálogo com a literatura, artes e o ensino da língua. Portanto, no exercício de construção e encenação do texto as dificuldades e limitações apresentadas pelos alunos (as), a exemplo de leitura e escrita vão sendo trabalhadas e superadas sem que ele perceba. Afora a compreensão dos fatos históricos.

Na experiência desenvolvida, suprimimos a etapa de criação dos bonecos, visto que a carga horária não fora suficiente. Nesse caso os bonecos foram confeccionados por um jovem mestre nessa arte, no entanto, as características físicas deles estavam relacionadas com o tema que fora trabalhado na aula. Assim essa experiência teve as seguintes etapas: discussão do conteúdo trabalhado, definição da abordagem, construção do texto e das personagens, cenário e apresentação.

Nesse caso, as aulas assumiram outra condição; deixaram de ser o momento de o professor expor sobre o tema e passaram a ser oficinas de leituras e construção de saberes, o que significou romper com a tradição, ou seja, com o conceito acerca do que é uma aula de História; repensar essa questão, foi um desafio para todos, haja vista termos de uma experiência de formação onde a prática docente recorrente é a transmissão de conteúdos. Logo, incluir o teatro de bonecos como recurso metodológico não foi fácil, todavia evidenciou a sala de aula como espaço de possibilidades. Frente a essa questão, o nosso desafio fora levar aos (as) alunos (as) os conteúdos de história e cultura afrobrasileira e colaborar com a formação deles na perspectiva de superação do preconceito racial na escola.

Nesse sentido, as aulas se constituíram numa oportunidade para os professores (as) há anos no exercício do magistério e que não puderam continuar a formação revisitarem os conteúdos da história do Brasil na perspectiva da população negra. Para tanto, trabalhamos esperançoso de que os conteúdos vistos nas aulas componham os currículos das escolas onde tais professores (as) atuam. Mas como tornar esse desafio realidade, quando não fora criada a disciplina História e Cultura Afro-brasileira?

Para tanto, partimos da história do Brasil, porque no primeiro contato com essa história, aprendemos e ensinamos que esse país é constituído por índio, negro e branco. Embora diverso, cotidianamente, os valores culturais dos brancos

predominam, o que resultou no processo de valorização cultural deles, em detrimento a desqualificação da cultura de negros e índios.

A partir da constatação dessa realidade, as atividades pedagógicas foram orientadas, na perspectiva de que professores (as) e alunos (as) vivenciassem a experiência de inclusão dos conteúdos de história e cultura afrobrasileira no currículo escolar utilizando como recurso metodológico o teatro de bonecos. A temática definida pelo conjunto da turma fora a resistência negra a escravidão.

Conforme já afirmamos em momento anterior, numa aula o professor (a) utiliza diversos recursos e metodologias. No caso, do uso do teatro de bonecos, isso se confirmou, pois o livro didático e as aulas expositivas não foram totalmente desprezados, sobretudo, porque o texto didático fora usado como ponto de partida para a elaboração do texto a ser encenado; apenas fora relido, analisado e a escravidão trabalhada na perspectiva da resistência. Nesse sentido, estabeleceu-se o diálogo entre a turma acerca do tema escolhido, o que possibilitou tirar as dúvidas e formular algumas conclusões e construir o texto, conforme expomos a seguir.

A arte de inventar gente e reinventar a história das pessoas negras

No ensino fundamental e médio, ainda é recorrente a idéia de que a história estuda o passado, e por extensão é a ciência que o representa. Poucos (as) professores (as) conseguem romper com essa tradição e trabalhar o tempo como historicamente construído. Portanto, a contemporaneidade da história, visto que o passado, não está morto à espera do historiador para recuperá-lo ou resgata-lo.

Se a história é fruto da ação de homens e mulheres em diferentes tempos e espaços, o passado é irrecuperável, haja vista a impossibilidade de uma ação ser revivida. No mínimo a reinventamos, mesmo que tenhamos acesso as mais diversas fontes, nunca conseguiremos recuperar o passado, tão pouco compreendê-lo na sua totalidade, apenas remontaremos fragmentos deste.

Desta feita, passado e presente não são dois pólos antagônicos, mas complementares, pois sempre que revisitamos o passado, só fazemos isso, porque somos motivados pelo tempo presente. Por isso, estamos sempre o reinventando na busca insensata de entendê-lo. Mas como entender o que não foi vivido, experimentado? Nesse caso os (as) historiadores (as) não falam de outra coisa, a não ser das suas histórias, e tempos (in) conscientemente vividos. Logo, seu tempo é o presente, o aqui, o agora, o passado é reinvenção.

Nesse exercício de fazer e reinventar a história, o teatro de bonecos é um campo de possibilidade profícuo, haja vista, levar o aluno (a) visitar o passado, e compreendê-lo, incorporar as personagens, principalmente se debruçar sobre a trama, e recontá-la a partir de questões contemporâneas.

Quando manipula os bonecos os (as) alunos (as) inventam gente à medida que assumem outra voz e personalidade, ou seja, passam a recontar e reinventar a história, o que lhes possibilitam desconstruir imagens há muito consagradas, a exemplo da imagem do “negro submisso a escravidão”.

Na trama montada em sala de aula, esse episódio foi recontado, o que possibilitou vir à tona sujeitos que nunca se calaram frente à exploração a que foram submetidos, a exemplo da negra Adelaide, personagem da trama: A resistência negra no Brasil escravista.

Geralmente o Brasil escravista é conteúdo dos livros didáticos de História do ensino fundamental, e tema indispensável nas aulas, principalmente quando a referência é o período colonial. A partir desse tema um grupo de alunos (as) após estudo, discussão e análise, produziu o texto que descrevemos abaixo, e montou a peça intitulada A resistência negra no Brasil escravista, conforme segue abaixo:

A Resistência negra no Brasil escravista (Peça)

Introdução

Negro - começa cantando "Mama África"

Branco – o que é isso, inseto?

Negro – Como, não escutei direito! Você me chamou de inseto?

Branco – Chamei cor de formiga! Você está fazendo o quê?

Negro – Você sabia que isso dá cadeia, já ouviu falar em inclusão social?

Branco – Incluir quem na sociedade, você? Faça-me rir quem é você para querer ser incluído?

Negro – (irritado) Apenas descendente de quem deu sustentabilidade ao governo no período colonial, quem lutou e resistiu contra as torturas no Império; quem foi esquecido porque um tal Rui Barbosa fez o favor de queimar vários documentos que comprovavam ainda mais o que estou dizendo!

Quer saber eu vou contar para você como tudo começou!

O Tráfico

O Negro explicando

Fomos retirados das várias famílias e estados africanos: Congo, Moçambique, Angola, e tantos outros. Colocados em um navio em péssima situação higiênica, viajávamos presos como animais quase não comíamos, morríamos de epidemias, muitos se jogavam ao mar para não chegar vivos em terras desconhecidas, sem família, sem liberdade, sem terras, sem nada!

A Compra

O negro relata

Depois éramos vendidos no mercado tratados como animais, mercadorias perdíamos a condição humana!

Senhor – Hum! Hoje está cheio, posso escolher a vontade minhas peças! Aquela negrinha mostre os dentes! Que coisinha robusta!

Mercador – Meu senhor, esses são as melhores mercadorias que chegaram, esta negrinha mede 1,60cm, tem dentes brancos, seios volumosos, nova e boa para o trabalho, um dedo aleijado por uma paralisia, mas está em bom estado!

Senhor – Dou-lhe um conto de réis!

Mercador – Mas senhor é muito pouco, o pessoal está dificultando a entrada desses negros aqui na província. A tal Inglaterra com pretexto de ficar com a mão-de-obra na África está impossibilitando o tráfico.

Senhor – ora! Eu quero saber homem! Vosmecê não quer um conto de réis, então eu irei falar com o Visconde ai vamos vê se você não me entrega a negra e estes outros animais.

Mercador – sim senhor me desculpe, leve quantos quiser!

O Assédio

O Negro falando

Muitas escravas eram jovens, bonitas, robustas e chamavam a atenção dos seus senhores sendo muito comum à relação da escrava com o seu senhor.

Quando estas resistiam eram torturadas, açoitadas e se resistissem e tivessem relação com o patrão e a sinhá soubesse eram castigadas; tinham as orelhas cortadas, os bicos dos seios extraídos, os olhos furados.

(Entram em cena a negra e o senhor)

Senhor – Adelaide!

Adelaide – Sinhô!

Senhor – vem cá! Negra assanhada! Você sabe que me custou um alto preço e eu não paguei tudo aquilo em vão, negra! Eu quero ser recompensado! Hoje à noite minha mulher vai deitar mais cedo e você vai me esperar no quarto dos fundos!

Adelaide – mas senhor, eu não quero! O que a sinhá irá fazer se descobrir?

Senhor – Eu não quero saber de sinhá! Eu sou seu dono você tem que fazer o que eu mandar, ou você está se negando negra?

Adelaide – Eu não quero, prefiro morrer! Prefiro ir para o tronco se eu morrer pelo menos ficarei livre!

Senhor – Ora negra atrevida! (dar um tapa no rosto de Adelaide)
Você está se negando? Pois vai para o tronco aprender a obedecer!
Saia da minha frente!

O Castigo

O negro continua narrando à história

Os castigos variam de acordo com o tamanho da desobediência ou coisas simples que tivesse feito como levantar mais tarde que o habitual. Os castigos variavam desde enterrados vivos, jogados em caldeirões de azeite ou água fervendo, eram castrados, deformados. Existiam os castigos corriqueiros como a palmatória, o açoite, o vira-mundo entre outros.

(O Feitor e Adelaide)

Feitor – É você quis ser difícil agora vai ser açoitada sua burralda!
Poderia agora está trabalhando na casa-grande ou ser mucama da sinhazinha, mas não quis deitar-se com o patrão!

Adelaide – Senhor, basta a desgraça de não ter pátria, nem lar, de ter honra e ser vendida, não me bata!

Feitor – cala a boca negra abusada, vai levar cinqüenta chicotadas!

A Conversa na Senzala

Os negros não agüentavam os maus tratos e se rebelavam. Reuniram-se nas frias e sujas senzalas depois de dezesseis horas de trabalho sem descanso, apenas paravam para dormir e relembrar a vida na África. Eles falavam da terra mãe, de suas famílias e amigos dos quais foram separados e elaboravam estratégias de fugas.

(Entram dois negros)

Manoel do Congo - Você viu o que aquele infame fez com a Adelaide?

Aquele desgraçado! Nós deveríamos fugir como fizeram no engenho do Senhor Matias!

José de Jesus – É perigoso se nos encontrarem podem nos matar ou nos queimar com o ferro quente colocando um F de “negro fujão” em nossas costas!

Manoel do Congo – Irmão é um perigo que temos que enfrentar ou você vai querer passar a vida toda aqui presa com fome, porque as migalhas que nos dão não alimentam nem os porcos! Eu fiquei sabendo pelo Fugêncio e outros irmãos negros que no quilombo pode se plantar, comer o que quiser dançar festejar, ser gente!

José de Jesus – Tá certo, eu vou falar com o resto do bando!

Manoel do Congo – Não! Se muitos souberem é fácil de chegar aos ouvidos do feitor, afinal você sabe que temos traidores em nosso meio que preferem ficar do lado do senhor para não sofrer os castigos do que lutar pela liberdade! Nós vamos quando nos instalarmos preparamos uma emboscada para o capitão-do-mato e soltamos outros negros e negras!

José de Jesus – Tudo bem!

A Fuga

Feitor – Senhor desculpe incomodar é que dois desgraçados fugiram!

Senhor – o quê? E eu não pago a você para vigiá-lo homem?

Feitor – Eu sei senhor, mas eu acho que eles me fizeram uma mandinga, lá das feitiçarias deles e eu acabei dormindo.

Senhor – Por mil demônios cabra! O que você espera vá à procura deles e os encontre, mas não os mates me custaram muito caro! Deixe que eu sei o castigo que darei a estes atrevidos!

O Quilombo

Os quilombos eram umas forças sociais que atuava de forma transformadora no próprio centro do sistema escravista. Era para lá que os negros iam quando fugiam!

Não iam apenas escravizados fugidos, mas homens e mulheres segregados da sociedade, entre eles prostitutas e homens pobres... no quilombo eles podiam exercer livremente sua cultura, suas danças, suas crenças provenientes da África!

(Vários negros começam a dançar ao som de um Novo Quilombo)

(Entra o Senhor e o negro que narrou toda história)

Senhor – rapaz me desculpa não tinha idéia do papel importante que vocês exerceram na sociedade!

Negro – não exerceu, exercemos! Hoje a luta é ainda maior para tirar da cabeça de cada um que a raça negra é inferior, o que existe são etnias distintas, culturas não superior ou inferior, mas diferentes!
Fim!!

¹Este texto foi produzido coletivamente e encenado pelas seguintes alunas do Curso de História/UEPB/CH: Marli Gomes da Silva, Maria Emilia Nunes dos Anjos, Lúcia Alves de Sales, Maria Luzinete Alves de Sales, Janaina de Araújo Silva e Albanêz Daniella Serafim Dias. Algumas delas são professoras no ensino fundamental da rede pública municipal ou estadual nas cidades circunvizinhas a Guarabira, a exemplo de Solânea.

O texto fora produzido a partir do exercício de releitura do livro didático de história, uma evidencia de que a questão não é deixar de usá-lo, mas como utiliza-lo em sala de aula? Nesse exercício, o primeiro passo é vê-lo como pretexto, o que implica fazer a critica e a partir desta repensar os fatos narrados, ou seja, fugir a perspectiva de que é detentor da verdade absoluta.

No caso em apreço, a peça produzida sobre um tema antigo na história do Brasil, trouxe a tona a história de Adelaide e outros negros; uma trama marcada pela exploração, opressão e violência, mas que recupera a historicidade dos sujeitos envolvidos especialmente as suas trajetórias de resistência para se afirmar cidadãos e cidadãs.

No contexto dos séculos XVI e XVII a história é narrada, Adelaide, assim como os demais são personagens fictícios, uma vez que o livro didático não se refere a eles, e nem o grupo trabalhou com fontes primárias, mas certamente a ficção narrada na peça não está distante da realidade vivida pelas mulheres negras no período escravista e na contemporaneidade.

No caso específico da peça, o episódio ficcional foi materializado para auxiliar o (a) aluno (a) a compreender a condição em que (as) os negros (as) viveram no Brasil escravista. Embora essa temática seja comum nos livros didáticos, ela ainda é pouco trabalhada em sala de aula de modo a recuperar a historicidade dos (as) negros (as) colocando-os como sujeitos da história. Há uma tendência entre os (as) professores (as) em suavizar a questão, sob a alegação de que os (as) negros (as) são importantes, pois ajudaram a construir; formar a cultura brasileira. Essa afirmativa é posta como suficiente e acaba escondendo a condição de violência em que negros (as) foram submetidos e viveram por longos períodos na sociedade brasileira.

Durante muito tempo a historiografia sobre a escravidão tratou do (a) negro (a) incorporado (a) a esse sistema, o que contribuiu para a idéia de submissão, ou de que não tinha história, uma vez que embora tenha sido a principal força motriz do sistema produtivo, a história era do capital, do sistema escravista, e não do (a) negro (a), visto que não tinha nome, desejos, vontades, afetividade, reação e cultura.

A partir dos anos 1980 a nova historiografia passou a colocar no cenário da história o negro, sobretudo, as estratégias dos escravizados ao sistema escravista, além de se interessar pela sua vida cotidiana, relações afetivas entre si e os brancos, expressões culturais nos mais diversos aspectos, em especial a religiosidade. No entanto, tal perspectiva historiográfica não suaviza as relações entre senhor e escravizados, pois é comum os estudos sobre os mecanismos de violência utilizados pelos escravizados contra os seus senhores (as). Nesse caso, os escravizados (as) não são tratados como vítimas e nem algozes, mas agentes da sua própria história.

Embora essa perspectiva historiográfica esteja em evidencia, poucos livros didáticos têm acompanhado-a, uma vez que na maioria deles os (as) negros (as) continuam sem história. O material utilizado pelo grupo de professores (as) que escreveu a peça está nesse rol. Mas a orientação foi a de que ultrapasse o dizível e visível, fosse à procura do indizível e invisível.

Na busca empreendida os castigos, ou seja, a história cruenta, que muitos preferem não discutir em sala de aula, veio à tona. Bastou questionarmos o porquê

dos negros serem castigados? Se fossem passivos, se tivessem sido submissos ao sistema escravista não teria havido castigo. Castigá-los foi uma contra resposta dos senhores e da sociedade colonial a rebeldia, as estratégias de resistências tramadas pelos escravizados, o que resultou na formação dos quilombos.

O grupo tratou a resistência historicamente, pois a narrativa da negra Adelaide começa a ser contada a partir do tempo presente. Na introdução do texto um negro ao questionar o seu patrão por este ter lhe desqualificado, refaz o caminho até a sociedade colonial e desvenda a relação entre o passado e o presente, ou seja, estão próximos, pois transcorridos 120 anos da abolição da escravidão, ainda há negros a margem da sociedade, sendo desqualificado socialmente, quando ergueram e continuam a erguer as riquezas do Brasil.

Na reinvenção do passado, proposta na peça, a violência não poderia ser descartada, sobretudo, porque ela é contemporânea aos negros e brancos, e é vivenciada de outras formas. Mas em meio a isso tudo, o essencial são as estratégias que ao longo da história os negros forjaram para buscar o mínimo de dignidade. A negra Adelaide, assim como os negros Manoel do Congo e José de Jesus, personagens da trama narrada pelo grupo, não são passivos, embora sejam castigados, ou seja, o castigo é uma resposta a sua irreverência, ousadia e capacidade de reinventar a vida.

No texto os (as) autores (as) não suavizaram na violência e nem poderiam, mas inovaram na abordagem do tema, essa deve ser a principal questão nas aulas de História, uma vez que a negra Adelaide, mesmo tendo sido comprada como uma mercadoria de boa qualidade no mercado de escravo, nunca assumiu a condição de peça ou objeto de uso fruto do seu senhor. Sua ousadia rendeu-lhe o tronco, mas as chicotadas que levou não a intimidaram e nem a seus irmãos e irmãs da África, uma evidencia de que a história é feita de ganhos e perdas, o importante foi o grupo pensá-la como mulher negra e agente da sua própria vida.

O destino final de Adelaide, assim como de muitos homens e mulheres negros (as) pode não ter sido o melhor, mas é importante para reconstrução da história das populações negras no Brasil. É uma evidencia de que nunca aceitaram a condição de escravizado (a) e de que a cidadania dessa população é um processo ainda em construção marcado por altos e baixos, avanços e recuos, basta olharmos a condição deles (as) na contemporaneidade, e a habilidade desta sociedade em renovar as formas e os mecanismos de discriminação e exclusão.

Algumas Considerações Finais

Trabalhar a história sem pensar o lugar onde ela foi produzida é discursar no vazio, principalmente se o propósito do docente for à formação de cidadãos

críticos. Nesse exercício a palavra de ordem é a releitura dos velhos temas constantes nos livros didáticos, só esse exercício possibilitará ao (a) professor (a) repensar sua prática e inovar metodologicamente, e, sobretudo, na abordagem do tema.

No entanto, no fazer pedagógico com o teatro de bonecos, assim como com outras metodologias e recursos, duas questões são indispensáveis à condução do processo ensino-aprendizagem de modo crítico e que coloque o (a) aluno (a) como co-participante direto e ativo. A primeira questão é o comprometimento político-pedagógico do professor (a) com a sua prática docente. Não há como o (a) professor (a) chamar o aluno (a) a ser sujeito ativo no processo de construção do saber histórico, se não se compromete político-pedagogicamente com o que faz, haja vista que a aula deixará de ser pensada como algo pronto e acabado e passará a ser momentos de possibilidades. Com isso não queremos dizer que a improvisação substituirá o planejamento, não é nada disso, mas o contrário. Mais do que nunca a aula precisa ser, planejada e pensada, visto que a perspectiva é a de que o (a) professor (a) e aluno (a) saiam do que costumeiramente é feito.

Os conhecimentos são construídos, e para tal exige releitura dos conteúdos, de modo a que outras versões sejam elaboradas. O ponto de partida poderá ser o livro didático ou não, um fato estampado na manchete de um jornal ou revista também serve. A questão é levar os sujeitos à construção e não a repetição do que já está dito. A proposta final não é formar um pequeno historiador, mas envolver o aluno (a) no processo de construção do saber histórico e oportunizá-lo a chance de se perceber como sujeito histórico e de que existem outras histórias além das que estão ditas, é só construí-las. Além de levá-lo a entender melhor a realidade na qual está inserido.

A segunda questão é o domínio de conteúdo, sem ele o (a) professor (a) não vai a lugar nenhum, e pode ocorrer de mesmo usando os mais sofisticados dos recursos ou o melhor livro didático de História, e continuar reproduzindo o senso comum. Ao (a) professor (a) não basta conhecer os fatos históricos e suas interpretações, mais também é indispensável um pouco de teoria e metodologia da história, pois são esses conhecimentos que lhes possibilitarão repensar suas práticas cotidianas em sala de aula, em especial as abordagens dos conteúdos, uma vez que dar aula de História não é repetir o que está dito e escrito, mas levar os sujeitos alunos (as) a pensar e entender como os homens e mulheres viveram em diferentes acerca do mundo, de si e dos outros.

Esse exercício não é fácil nem para o professor (a) tão pouco para os alunos (as), porque ambos vão sair do lugar de passivos, para o de sujeitos ativos, o que incomoda. Nesse caso, o (a) professor (a) enfrentará outro desafio, o de chamar atenção dos (as) alunos (as) para assumir com responsabilidade o ato de aprender, o que nem sempre eles querem. No entanto, é preciso não esquecer que esse ato é político, portanto, um exercício de cidadania, e como tal depende de duas outras questões; o que se ensina, e como se ensina?

Para uma escola que a sociedade diz ser pública, mas que nem sempre assume essa condição, quem sabe já seja hora de reinventá-la a partir de outras histórias, a exemplo da trama da negra Adelaide, forjada durante o Brasil escravista, e que fora aqui narrada na peça escrita por um grupo formado por estudantes de História e estudantes do ensino fundamental. Histórias como a que fora contada na

peça ainda estão ausentes dos livros didáticos, e, no entanto, próximas dos sujeitos para quem damos aulas todos os dias.

No momento encerramos esse ato, afirmando, que embora, os gestores públicos também sejam responsáveis pela educação e efetivação das diretrizes que a orientam a exemplo das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, efetivá-la na sala de aula é um ato político-pedagógico de cada professor (a).

Autorizada a citação e/ou reprodução deste texto, desde que não seja para fins comerciais e que seja mencionada a referência que segue. Favor alterar a data para o dia em acessou-o:

CHAGAS, Waldeci Ferreira. O teatro de bonecos: uma metodologia de inserção da história das populações negras na sala de aula. **Revista África e Africanidades**. Rio de Janeiro, ano 2, n. 8, fev. 2010. Coluna Psicologia. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com/documentos/Teatro_de_bonecos.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2010.

Referências

- AMARAL, Ana Maria. **Teatro de formas animadas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- CARVALHO, Maria Amélia de. "Bambalão: o teatro de bonecos interativo na TV". In: **Revista de Comunicação e Educação da USP**: São Paulo, 1995.
- FAZZI, Rita de Cássia. **O Drama racial de crianças brasileiras**: socialização entre pares e preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula**: visita a História contemporânea. São Paulo: Selo Negro, 2005.
- LADEIRA, Idalina; CALDAS, Sarah. **Fantoches & Cia**. Rio de Janeiro: Scipione, 1993.
- MATTOS, Regiane Augusto de. **História e Cultura afro-brasileira**. São Paulo: Contexto, 2007.
- OLIVEIRA, David Eduardo de. **Cosmovisão africana no Brasil**: elementos para uma filosofia afrodescendente. Curitiba: gráfica Popular, 2006.
- OLIVEIRA, Iolanda de. (Org.) **Relações Raciais em educação**: novos desafios. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- OLIVEIRA, Rachel de. **Tramas da cor**: enfrentando o preconceito no dia-a-dia escolar. São Paulo: Selo Negro, 2005.
- SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do ser negro**: um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: Fapesp, rio de Janeiro: Pallas, 2005.
- SANTOS, Gevanilda & SILVA, Maria Palmira da. (Orgs.) **Racismo no Brasil**: percepções da discriminação e do preconceito racial no século XXI. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
- SERRANO, Carlos & WALDMAN, Mauricio. **Memória D'África**: a temática africana em sala de aula. São Paulo: Cortez, 2007.